



as palavras e a música do Natal

JOÃO ABRE O SEU EVANGELHO com uma nota dramática relativa ao Jesus que ele vai apresentar: “O mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o acolheram” (1,10-11). Com o passar dos séculos, o mundo foi-o reconhecendo. Como expressão de reconhecimento, dedicou-lhe capelas, igrejas, basílicas, catedrais, que foi enriquecendo de ouro, cores, mármore, imagens, quadros, vitrais, mosaicos e pinturas. Embora conscientes de que Jesus se identificou com “estes meus irmãos mais pequenos” (Mt 25,40.45) e que ele está em solidariedade com os que mais sofrem, os artistas de todas as épocas e de todas as nações, como que representando-os e dando-lhes voz, encheram templos e museus de evocações do seu nascimento. O canto dos poetas, as cores e a elegância das artes verteram o encantamento da humanidade perante o Natal de Jesus. Se focarmos só a reacção da música, vemos como ela o encheu de sons miríficos e de vozes maviosas. Nem poderia haver Natal sem música, elemento imprescindível para solenizar a grandeza do evento e exteriorizar a alegria da festa. Os séculos fizeram da ligação entre música e Natal um binómio in-

dissociável.

Os primeiros cânticos natalícios foram compostos em função da liturgia cristã. No I milénio o canto gregoriano brindou-a de inumeráveis melodias, que inicialmente eram executadas pelas scholae e pelos monges e escutadas pelos fiéis em silêncio. Do séc. XI em diante também se compuseram, ainda em latim, melodias populares, que depois foram sendo traduzidas para as línguas medievais, com adaptações e reelaborações. Eram cantos para-litúrgicos que integravam peças dramáticas de teatro sobre o Natal, representadas nas igrejas e nos adros da Europa medieval. Nalgumas regiões chamavam-se Mistérios de Natal, que no séc. XVI evoluíram para o nome de pastorais. No vasto repertório musical natalício, temas provenientes dos respectivos âmbitos culturais assumiram caracterização distintiva, como os carols ingleses, os noël franceses, os canti di ques-tua italianos, os villancicos espanhóis e os vilancicos portugueses. Em 1582, quando Teresa de Ávila, que reelaborou villancicos, morria em Alba de Tormes, um finlandês publicou 17 Canções piedosas, tradicionais, de Natal. Inspiraram posteriores músicos nórdicos. Algumas ainda se cantam hoje.

E por todo o mundo cristão paráfrases dos evangelhos transformaram-se em poesia, sublinhando a dimensão humana do neonato que deu voz a Deus. Outros cantos aliavam a frágil humanidade do menino à sua onnipotência de Deus, a virgindade de Maria à realeza do recém-nascido, o silêncio de José ao “coro celeste que louvava Deus” (Lc 2,13). A música contemplativa tomava consciência da grandeza do acontecimento Natal.

A um dado momento, a música culta enriqueceu a tradição de cantatas, corais, oratórias... Já em 1690, Corelli legou-nos o seu Concerto grosso n.º 8, *fatto per la notte di Natale*, cheio de espiritualidade. Em 1716 a Cantata pastorale per la Natività, de Alessandro Scarlatti, mandava uma mensagem de paz a todo o mundo. Mais célebre é o monumental *Weihnachts Oratorium* (1734-35) de Bach, seis cantatas para o tempo de Natal, em que vozes e instrumentos concorrem para caracterizar os temas tomados de Mateus 1-2 e de Lucas 1-2. A 1739 remonta a melodia de Felix Mendelssohn, Ouvi! Os anjos do arauto cantam.

Mas a jóia musical do tempo do Natal é a grandiosa oratória Messias (1741), de Händel, que

une magistralmente o canto polifônico à orquestra. Embora cubra toda a vida de Jesus, ficou inextricavelmente associada ao Natal, em virtude do esplendente Aleluia. Depois de citar Isaías 7,14 (relido por Mateus 1,23) no recitativo “eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, que será chamado com o nome de Emanuel, que significa Deus conosco”, remete para outra página de Isaías (9,1-5), que se abre com uma estrofe de luz e de alegria, como se o profeta lido no Advento e profeta da Adoração dos Pastores Jorge Afonso, retábulo da Igreja da Madre de Deus, M. N. Arte Antiga – séc. XVI esperança, em contraponto com Mateus 4,15-16, intuisse uma nova criação: “O povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz; para os que viviam em terra de sombras brilhou uma luz; multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo”. A primeira narração da criação divina já começava assim: “Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita” (Gn 1,3). O Natal de Jesus é assim entendido como inauguração de uma nova humanidade, de uma humanidade salva pelo nascimento do absolutamente novo. As causas da alegria irrefreável eram a libertação da opressão dos tiranos, a paz sustentada e Deus conosco

co, “porque um menino nasceu para nós, foi-nos dado um filho...: o seu nome será Príncipe da paz”. Para a tradição bíblica é este o retrato completo do *Messias*.

Se Händel é vibrante, Mozart faz-nos estremecer com a incomparável harmonia do *Ave verum Corpus natum de Maria Virgine*, de 1791. O séc. XIX abunda em corais e cantatas, que refrescavam o fulgor do mistério natalício. Como as alemãs, também se compuseram oratórias francesas sobre o Natal. Berlioz em 1854 compôs *L'enfance du Christ*. Como ele, também Saint-Saens compôs *Oratorio de Noël* sobre um texto latino. Para Dezembro de 1876, Tchaikovsky escreveu a valsa Natal. Até no séc. XX a mensagem natalícia foi musicada. Messiaen compôs em 1935 *La Nativité du Seigneur* e em 1944 *Vingt regards sur l'Enfant Jésus*, olhares que pousam nele, desde o olhar bondoso do Pai ao olhar doce da mãe, desde o dos anjos ao dos magos. Perosi († 1956) compôs com profusão melódica *Il Natale del Redentore*. E com a Sinfonia n.º 2 ‘de Natal’ (1980) Penderecki recuperou a clássica forma da sonata.

Ocupados com a grande música, não podemos esquecer as

populares melodias *Adeste fideles* (atribuída a D. João IV), *O Tannenbaum* (que remonta ao séc. XVI ou XVII), *Tu scendi dalle stelle* (de S. Afonso Maria de Ligório, em 1754, difundida como pastoral), *Gloria in excelsis Deo* (tradicional francesa, de autor desconhecido, do séc. XVIII), *Stille Nacht*, de Franz Gruber, executada por primeira vez em 24.12.1818 (declarada ‘património cultural imaterial da humanidade’ pela UNESCO em 2011). Estas melodias vão evidenciando a expansão – ou distanciamento – da representação sagrada do Natal para uma representação humana ou profana, que sublinha outros elementos: a neve, o pinheiro ou abeto, o Pai-Natal e a renas... Esta tendência alastra mais nos séculos XX e XXI, como no famoso *White Christmas*, que na versão original só canta a nostalgia pelo Natal com neve. De qualquer modo, a música emerge como símbolo de procura e de compreensão da fé, contemplando o menino Jesus como vindo não só de humanos mas também de Deus e vendo-o como Deus conosco.

ARMINDO VAZ, OCD

Boletim de Espiritualidade • Nº102 •
dezembro de 2022

A aposta do Natal

O Natal está cheio de folclore e nem sempre temos consciência do seu significado profundo. Isso devia ser motivo de alguma inquietação: porque é que uma festa que se vivia com tanta intensidade, em tempos que já lá vão, passou a ser, na melhor das hipóteses, uma reunião de família?

O Natal é uma festa religiosa e uma religião é um processo de ligação com o Divino ou, se quiserem, com o mistério da transcendência. É isso: uma mensagem, um rito, uma liturgia que possibilitam a nossa comunicação com um núcleo de mistérios a que chamamos Deus.

Ora, um mistério não é explicável e muito menos pela dialéctica da razão. Digamos que é um mistério indecifrado senão indecifrável. Por muito que custe à nossa mentalidade iluminista, a relação com Deus, não sendo irracional, não se processa no mundo da razão mas num universo de afectos, de sentimentos e de emoções. A Igreja, ao modernizar-se — ia a dizer ao "racionalizar-se" —, não sei se converteu algum intelectual, mas não há dúvida que perdeu muito daquele povo para quem a comunicação com Deus tem que ver com o mundo das emoções: as festas, as romarias, as promessas, as procissões, o culto dos santos, e assim.

Ora, o Natal está intimamente ligado à acessibilidade dessa ligação. Um Deus com forma e figura humana, participante da nossa humana natureza, constitui o interlocutor possível perante o mistério que se mantém. Quando realizamos a comunicação com Deus, naturalmente através dos meios gerados na nossa própria cultura, e dirigidos a um Deus que tomou a natureza humana, estamos a realizar a comunicação e não a decifrar um mistério. As visões e os

fenómenos para-normais, por reproduzirem no além a cultura do aquém, podem ajudar-nos a decifrar o mistério do homem mas não o mistério de Deus.

Dir-me-ão que é nos tempos de crise que a angústia religiosa afflora. Não digo que não: geralmente, as nossas inquietações espirituais não são compatíveis com a abundância e o bem-estar.

Não porque só os aflitos precisem de Deus mas porque a abundância e o bem-estar material criam, muitas vezes, uma espécie de gordura que repele o desejo de Deus. Chesterton dizia: "A razão porque os fantasmas deixaram os velhos castelos da Escócia foi porque as pessoas deixaram de acreditar neles". É isso: Deus não morre, Deus afasta-se quando ficamos indiferentes à sua chamada.

O que acontece é que muitas pessoas sentem, na sua vida quotidiana, que o mundo das coisas e da razão não responde a todas as suas preocupações — uma espécie de perguntas

não formuladas dirigidas ao mundo dos mistérios. Acrescentaria que pretendem uma comunicação inteligível pela natureza humana. Em rigor, o Natal é a festa que comemora a vinda ao mundo desse nosso interlocutor. É a sua mensagem que pode responder ao nosso desejo de paz interior. As pessoas ou confiam ou não. É uma aposta a que temos que responder. Se não confiamos, muitas perguntas continuarão sem resposta e ficamos instalados numa incomodidade existencial que não pode ser o nosso destino. ●



António Alçada Baptista



Natal: uma luz na noite!

O Natal é a loucura de Deus que se faz homem. Jesus nasceu pobre: tem como berço uma manjedoura de animais.

O **Menino de Belém** não vem para dominar. A sua presença humilde e frágil sugere que está **ao serviço dos outros** e que a verdadeira grandeza é **doar-se**. Sob o metropolitano elevado, alguns **migrantes africanos** vivem amontoados. Levantam-se e aproximam-se para pegar a comida que é distribuída. Um homem corpulento serve uma concha de lentilhas, depois cada um apanha uma banana e um pedaço de pão.

Haverá lentilhas suficientes para todos? Eu aproximo-me da grande panela para ter certeza. Infelizmente, em

breve estará vazia.

Dirijo-me ao homem que serve e que não conheço: “Será preciso um **milagre**”. Surpreso, ele olha para mim: “Cabe a você fazer isso.” E acrescenta: “Quando não tem mais, não tem mais”. E pegando sua pesada panela, a carrega para uma carrinha e vai embora.

Os **africanos** que não conseguiram nada não protestam. Eles têm o hábito de **esperar em vão**. Mas eis que o milagre acontece, na simplicidade e na discrição. Espontaneamente aqueles que começaram a comer **passam seu prato** de lentilhas ou uma banana ou um pedaço de pão aos que não receberam nada. Todos puderam comer.

Esses **migrantes** abriram espontaneamente seus corações e mãos à amizade e à **partilha**. Os **pobres ajudaram os pobres**. Uma luz brilha na noite.

O comentário é de **JACQUES GAILLOT**, bispo de Partenia, em texto publicado na sua página pessoal da *Facebook*, 04-12-2022.

[https://www.ihu.unisinos.br/624624-natal-uma-luz-na-noite-artigo-de-jacques-gaillot_\(04.12.2022\)](https://www.ihu.unisinos.br/624624-natal-uma-luz-na-noite-artigo-de-jacques-gaillot_(04.12.2022))

uma Noite diferente

O Natal encerra um segredo que, infelizmente, escapa a muitos daqueles que nessa época celebram «algo» sem saber exatamente o quê. Não podem suspeitar que o Natal oferece a chave para decifrar o mistério final da nossa existência.

Geração após geração, os seres humanos gritaram angustiados as suas perguntas mais profundas. Por que temos que sofrer, se desde o mais íntimo do nosso ser tudo nos chama à felicidade? Porquê tanta frustração? Porquê a morte, se nascemos para a vida? Os homens perguntavam. E perguntavam a Deus, porque, de alguma forma, quando procuramos o sentido último do nosso ser estamos a apontar para ele. Mas Deus mantinha um silêncio impenetrável.

No Natal, Deus falou. Já temos a sua resposta. Não nos falou para nos dizer belas palavras sobre o sofrimento. Deus não oferece palavras. «A

Palavra de Deus fez-se carne». Ou seja, mais do que nos dar explicações, Deus quis sofrer na nossa própria carne as nossas interrogações, sofrimentos e impotência.

Deus não dá explicações sobre o sofrimento, mas sofre connosco. Não responde ao porquê de tanta dor e humilhação, mas ele próprio se humilha. Não responde com palavras ao mistério da nossa existência, mas nasce para viver el próprio a nossa aventura humana.

Já não estamos perdidos na nossa imensa solidão. Não estamos submersos em pura escuridão. Ele está connosco. Há uma luz. «*Já não somos solitários, mas solidários*» (Leonardo Boff). Deus partilha a nossa existência.

Isto muda tudo. O próprio Deus entrou nas nossas vidas. É possível viver com esperança. Deus partilha a nossa vida, e com ele podemos caminhar em direção à salvação. É por isso que o Natal é sempre para os crentes um apelo para

renascer. Um convite para reavivar a alegria, a esperança, a solidariedade, a fraternidade e a total confiança no Pai.

Recordemos as palavras do poeta Angelus Silesius:

JOSÉ ANTÓNIO PAGOLA

«Embora Cristo nasça mil vezes em Belém, enquanto ele não nascer no teu coração, estarás perdido para o mais além: terás nascido em vão».

Presépio exposto na Serrab do Pilar 2022

